

OSASCO, SP, 30 DE NOVEMBRO DE 2001

*Meus caros amigos e minhas amigas; meu caro amigo Governador, que é tão generoso, que diz que sou médico, que vou fazer a tríplice vacinação. É de uma generosidade extraordinária, o Geraldo Alckmin; nosso Ministro Paulo Renato; o nosso Prefeito, Celso Dilio; nossos convidados de honra: a Eliana Amaury Made, o Floriano Pesaro, que é o comandante desse exército em favor da criança brasileira; mas, sobretudo, esse meu querido povo de Osasco,*

Eu quero começar fazendo um agradecimento e uma referência. Hoje esta festa, aqui, é da família, é da mãe de família, é da professora, é do aluno, é da aluna, é do pai de família. É um Brasil que dá um passo adiante para que nós tenhamos nossas crianças na escola, para que cada escola seja melhor equipada, para que o professor seja melhor treinado e para que nós possamos fazer o que nós faremos: vamos acabar de uma vez por todas com a nódoa do analfabetismo no Brasil. Em muito poucos anos, não haverá mais analfabetos no Brasil.

Essa é a maior alegria que eu, como professor que sou, como marido da Ruth, que é professora, como pai da Bia, que é professora, nós não

podemos ter maior alegria. Essa alegria que tem o Presidente, que tem o professor, tem cada brasileiro, tem cada brasileira, é que nós vamos tirar do analfabetismo, em muito pouco tempo, todos os brasileiros. Sobraram aqueles que não tiveram a sorte de terem nascido num momento em que o Brasil pode dar escola a todos os seus filhos. Mas progressivamente, com a alfabetização solidária, com os programas de alfabetização dos adultos, mesmo esses vão sendo, progressivamente, atendidos. Esse é o verdadeiro atestado de maioria do Brasil, porque um país cujos filhos não têm acesso à escola não pode dizer que seja um país maduro, é ainda um país em formação e que deve muito aos seus filhos. Nós ainda devemos. Mas estamos começando a pagar a nossa dívida social.

E assim como fiz com a reforma agrária, como ninguém tinha enfrentado antes, hoje estamos dando terra para quem não tem terra. Já desapropriei terras do tamanho do Rio de Janeiro inteiro, da Bélgica e da Holanda juntos, e dei terra para quem não tinha terra. Nós estamos dando alfabetização a quem não era capaz de ler nem de escrever, estamos colocando todas as crianças na escola. É assim que se paga a dívida social do Brasil, não é com demagogia. É com trabalho sério, com trabalho honrado e com apoio.

Eu quero dizer uma palavra, já que estou agradecendo às professoras, às mães e às crianças, que este Programa está nas mãos dos jovens. O Floriano é um jovem, todos os que ajudam são jovens, é a juventude do Brasil que tomou a peito a tarefa de acabar com criança fora da escola. Agradeço, portanto, em primeiro lugar, e saúdo os beneficiários diretos deste Programa.

Mas quero fazer uma referência, muito especial, também ao Prefeito e à cidade de Osasco. Sou grato, sou grato às palavras que foram aqui proferidas pelo prefeito Célio Dilio. Agradeço à sua esposa, Presidente do Centro de Ação Social do Município.

Eu me recordo que, há muitos anos, aqui em Osasco – e aqui há companheiros meus de longa data –, eu andava por Osasco, no Helena Maria, se me recordo bem o nome. Eu lá estava em reuniões comunitárias quando ainda havia o regime autoritário no Brasil, quando ainda

não havia possibilidade de uma expressão livre da população. E nós estávamos aqui, em Osasco, na periferia de Osasco, lutando contra as inundações, tratando de fazer com que houvesse respeito à cidadania, que os direitos humanos fossem respeitados. E quantas vezes estive aqui, em Osasco, Prefeito, durante a minha vida.

A última vez que vim aqui, Vossa Excelência já era Prefeito. E estava a meu lado o saudoso Governador Mário Covas. E vim aqui com ele para inaugurarmos juntos um conjunto habitacional para os taxistas de Osasco. O Prefeito me disse que eu voltasse sempre a Osasco, voltasse com o Governador, com o Prefeito, com Ministros. Mas eu quero voltar também com a Eliana, eu quero voltar com o Amaury, eu quero voltar não só com homens, não, com as mulheres também. E hoje, quando nós estávamos no helicóptero, com a Eliana, olhando Osasco, eu já transmiti ao Prefeito: meu Deus, que mudança nessa cidade, que povo glorioso de Osasco, que transformou Osasco numa das mais belas cidades de São Paulo: trabalhadora, progressista, cheia de vida.

Quero, portanto, agradecer ao povo de Osasco o esforço que tem feito pelo Brasil. E se estou dizendo o que tanto me une a Osasco, é que, quando eu começava, sem nem saber bem se faria uma vida política, porque eu estava afastado da universidade pelo regime autoritário, mas fazendo minhas pesquisas, quando me lancei candidato ao Senado – como protesto, que eu nem direito tinha de ser Senador, porque fui alcançado pelo AI-5 –, foi aqui em Osasco que nós fizemos o nosso comício, foi daqui de Osasco que eu comecei a vida para poder, hoje, pela segunda vez, ter, modestamente, a possibilidade de servir ao meu país como Presidente da República. Tenho, portanto, mil razões para agradecer a Osasco.

Estou feliz de estar aqui hoje. Mas tenho também que dizer uma palavra de tristeza, infelizmente. É que não está conosco, hoje, e ontem vim a São Paulo para levar ao cemitério aquele que foi um dos idealizadores desse projeto, meu assessor direto e dileto, o Professor Vilmar Faria. Quero fazer um tributo em homenagem àqueles que, anonimamente, trabalham para que a situação social do Brasil progrida, para que as coisas se modifiquem.

Mas eu quero dizer também que se hoje estamos aqui, em Osasco, assistindo a esta festa bonita deste povo generoso, se nós hoje estamos vendo esta realização, é porque o Ministro Paulo Renato tem sido incansável na implementação deste Programa, e tem andado pelo Brasil todo.

E o Brasil é um país extraordinário. Algumas pessoas dizem: “Meu Deus, uma família recebe no máximo 45 reais com esse Programa da Bolsa-Escola. De que servem 45 reais?” Os que pensam assim é que não conhecem a pobreza no Brasil. Os que pensam assim é que não sabem a dificuldade da vida do brasileiro, e de todo o Brasil. E este Programa, ao mesmo tempo em que leva a criança à escola, dá uma pequena ajuda para a distribuição da renda no Brasil. E a mesma emoção que temos aqui, em Osasco, se sente em cada cidade do Brasil.

Lá no Rio Grande do Sul, um município com um nome curioso – Faxinal do Soturno – e uma senhora também com um nome – desses nomes que nós brasileiros gostamos – um tanto estranho, D. Genoclédia. Ela é arrumadeira, ganha 90 reais e recebeu a bolsa-escola. São 45, um aumento considerável na renda dessa senhora. E os que sabem como a vida é dura, sabem que 45 reais, que 15 reais muitas vezes são o passo entre a não-comida e alguma comida.

É, portanto, efetivo que nós estamos construindo no Brasil, como disse o Governador Geraldo Alckmin, uma rede de proteção social. Nós, hoje, distribuimos, de forma direta, mais de 20 bilhões de reais. E as pessoas, hoje, têm um começo de proteção social.

Há um Programa que se chama Bolsa-Alimentação, para o nascituro até seis anos de idade e para a mãe na fase de gestação. Quando a criança faz sete anos tem o Bolsa-Escola, que cobre todo o seu período até a adolescência. Na adolescência, temos as bolsas para a universidade. Quatrocentas mil neste ano. Quando fica mais velho, se a família está nas mesmas condições das famílias que são atendidas no Bolsa-Escola e ganham menos de 90 reais por mês *per capita*, o mais velho recebe lá, na Loas, que é a Lei Orgânica de Assistência Social, que foi feita pelo Ministro Jutahy Magalhães, que está aqui presente, que hoje é Deputado, foi Ministro da Previdência Social e implementou esse Programa. E o mais velho, hoje, recebe também um auxílio.

Todos os velhos do Brasil, de 67 anos – eu digo velho porque eu tenho 70, posso dizer com autoridade –, todos os que têm mais de 67, se não tiverem condições, têm um bolsa. Não há mais ninguém para receber uma bolsa adicional. Todos já recebem essa bolsa.

Se a pessoa trabalha no campo e não contribuiu para a Previdência Social, ainda assim tem aposentadoria rural. Se a pessoa perde o emprego, tem o seguro-desemprego. E agora, lá no Nordeste, nós criamos outro programa, que é o Programa Bolsa-Renda – se o cidadão plantou e por acaso a natureza o castigou com uma seca, ele não precisa pedir esmola a ninguém, ele automaticamente tem um fundo que assegura a decência da sua sobrevivência com dignidade.

É isso que é pagar a dívida social, é isso que é ter sentimento social, é isso que é ter vontade política para mudar o Brasil. Não foi fácil. Tivemos que estabilizar a moeda. Custou-nos muito termos, hoje, uma moeda que existe, que é o real. Foi difícil enfrentar as crises financeiras que ainda hoje nos assolam. Mas ainda hoje, nos jornais, está lá um dado: o mundo todo em recessão, não o Brasil. Cresce menos, mas cresce 2%. E eu aposto que vai crescer mais que 2, para chegar próximo de 3. Pouco a pouco fomos avançando, não sozinhos, mas com os governadores, com os prefeitos e com o apoio do Congresso Nacional. Este Programa existe porque o Congresso votou o Fundo da Pobreza, que permitiu recursos adicionais para nós, de uma maneira correta, distribuímos àqueles que precisam.

Estamos, portanto, mudando o panorama do Brasil. Mas estamos mudando mais. Esse cartãozinho que está aqui, que é o Bolsa-Escola do Governo Federal. Esse cartãozinho é dado à mãe de família, se possível, se não for possível, ao pai, se não for possível, ao irmão mais velho. Não tem intermediário, não precisa do prefeito, do vereador, do Presidente da República, do governador, do pistolão, do padre, do líder sindical, de ninguém. É dignidade da pessoa, é cidadania, é direito de vocês. Eu não estou dando nada, eu estou apenas cumprindo preceitos constitucionais e assegurando os direitos àqueles que nasceram no Brasil.

Para isso, foi preciso quebrar o clientelismo no Ministério da Educação, foi preciso acabar com a fisiologia no Ministério da Educação. E,

progressivamente, nós estamos juntando todos os programas no Governo Federal, que são muitos, para que, num só cartão, os benefícios da saúde, da Previdência Social ou do Ministério da Educação sejam recebidos pela família e possamos cruzar esses benefícios todos e aumentar a possibilidade do número daqueles que vão recebê-los.

É isso que se chama combate efetivo à corrupção, e não um palavrório vazio em tribunas que é ouvido só pelos que estão perto. Combater a corrupção não é fazer demagogia, é, realmente, quebrar o clientelismo, é fazer com que o cidadão tenha mais força na sociedade. É isso que nós estamos fazendo neste nosso querido Brasil.

Estamos criando, efetivamente, uma sociedade mais moderna, mais independente, mais ciente dos seus direitos, mais capaz de reivindicar e, portanto, uma sociedade mais democrática. Esta é a democracia que não fica apenas no voto, mas que vai muito além da urna e significa algum tipo de benefício social e uma melhor distribuição de renda.

Ainda outro dia, discutindo a questão do Imposto de Renda, eu disse o seguinte: no Brasil, 4 milhões de pessoas, mais ou menos, são os que pagam Imposto de Renda da pessoa física. Desses 4 milhões, só cerca de 117 mil ganham mais de 9 mil reais por mês. Por isso, o Governo preferia, para permitir uma diminuição da carga sobre os mais pobres, aumentar um pouco o desses 117 mil que ganham mais de 9 mil reais por mês. Infelizmente, tenho tido resistência no Congresso. Lutarei para que haja uma solução equilibrada. E quero lhes dizer que o conjunto das pessoas que pagam Imposto de Renda da pessoa física produz um volume de recursos mais ou menos equivalente aos recursos que nós damos sob forma direta ao Bolsa-Escola, ao Bolsa-Alimentação, ao Loas, ao Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – isso é transferência direta de renda. Toma-se dos mais ricos e dos menos pobres e dá-se, diretamente, aos mais pobres – isso é justiça social. Isso é o que nós estamos fazendo no Brasil, com coerência, e não demagogicamente. É assim que se muda o Brasil, e para mudar o Brasil, todos nós temos que contribuir para ajudar aqueles que mais necessitam.

Mas falta muito. Nós conseguimos plantar algumas sementes, como esta, de um Brasil melhor. Eu sei das dificuldades, sei o que falta em

trabalho, sei o que falta em renda, sei o que falta em apoio ao pequeno empresário, sei o que falta nas periferias das grandes cidades. E porque eu sei o que falta, embora eu fique comovido em ver que demos um passo, eu peço outro passo mais, e peço a mim próprio e peço ao Governo: temos que continuar trabalhando com afinco até o fim, porque um país só muda com persistência, mantendo o rumo, com seriedade.

Assim, que esta festa de Osasco nos sirva de estímulo para que nós continuemos a lutar, porque nós sabemos que isso não é senão um começo. Mas eu tenho a satisfação de lhes dizer que, faltando quase apenas um ano de mandato, eu vou continuar trabalhando até o fim, com a mesma energia com que recebi o voto na primeira vez na minha vida. Vou lutar para que as reformas avancem, vou lutar contra a demagogia, vamos fazer o Brasil continuar avançando. E terei a satisfação de dizer, no final do mandato: se não fiz tudo que era necessário, se não fiz tudo que eu queria, posso lhes dizer que o Brasil, hoje, é um Brasil melhor, porque é um Brasil que tem liberdade, tem moeda estável, que não capota com as crises mundiais, tem educação, melhora na saúde e tem, sobretudo, um povo que sabe o seu direito. E este aqui é o símbolo dos direitos do povo brasileiro.

É por isso que eu termino, Prefeito, Governador, Ministros, minhas amigas que aqui estão, que são exemplos também de brasileiros e brasileiras, sobretudo o Amaury, que tem dado esse exemplo de dedicação aos esportes, a Eliana, que é uma figura querida de todos nós, é por isso que eu termino dizendo a vocês que quem tem essa juventude, quem tem esses professores, quem tem essas mães de família dedicadas, quem tem esses alunos vibrantes, tem que dizer: graças a Deus e viva o Brasil!